

8

Considerações Finais

As cartas que Guimarães Rosa trocou não só com seus tradutores, mas com amigos, editores, críticos, são uma fonte riquíssima de estudos. Rosa reconhecia, ao que tudo indica, a possibilidade de publicação desse material: organizava sua correspondência e fazia cópias de suas cartas, como se previsse o interesse futuro nesses seus textos paraficcionais (Viotti, 2007). A particular riqueza da correspondência entre Rosa e Onís, de que aqui buscamos nos apropriar, encontra-se no modo como, nos registros de seu processo criativo, nos comentários sobre suas obras e, enfim, na interação com a tradutora, Rosa cataliza e multiplica pensamentos sobre a linguagem.

Com um material tão complexo, é necessário entender-se o caminho percorrido por este trabalho para que se justifiquem muitas das omissões e cortes de elementos que tão obviamente se apresentam para análise. Escolhemos um percurso que buscasse nas cartas perspectivas sobre linguagem e sentido. E partimos para essa abordagem buscando as recorrências, as insistências, e também, com muito interesse pelo paradoxo, as inconsistências e contradições. Também foi uma escolha priorizar a perspectiva roseana e situar a tradutora como uma interlocutora que abre a possibilidade de diálogo sobre linguagem e sentido.

Estamos cientes de que as cartas concentram-se principalmente na atividade tradutória e na divulgação da obra do autor, incluindo questões editoriais e profissionais, mas também pessoais, por se tratar de cartas entre duas pessoas que precisam se comunicar de forma cordial e amistosa. Embora linguagem e sentido não sejam o tópico diretamente motivador dessa escrita, a ocasião da tradução, isso não é novidade, é ocasião especialmente propícia para pensá-los e, de fato, comparecem intensivamente no diálogo que se desenha entre Rosa e Onís.

A curiosidade, por si só, pela forma como se traduz um autor tão complexo e tão cheio de “arvezamentos e giros-de-frase” convida à leitura das cartas. O

desdobramento dessa curiosidade em uma constante perplexidade com as passagens nada convencionais convocou uma pesquisa sobre esse objeto. Foi intrigante desde o início perceber como expressões um tanto essencialistas conviviam, em enigmas provocadores, como sua própria subversão, e como a correção de provas de tradução levava à discussão da indeterminação da língua, ou ainda, como a escolha de uma palavra na tradução, sem girar em torno do “significado correto”, abria, ainda assim, possibilidades “metafísicas” para a compreensão da linguagem.

É no mínimo divertido imaginar o que pensa um tradutor quando ouve do autor que traduz que o que tem em mãos é “uma espécie descomida de cetáceo com seu toucinho todo querendo ser de poesia e metafísica”. Se Onís ficou atônita, não sabemos, mas certamente nós ficamos. E não seria esse mesmo o modo roseano de nos dar assim “choques de vida”?

Também interessou o contraste dessa correspondência com a de outros tradutores, como Bizzarri e Meyer-Clason que, embora também criticados e corrigidos por Rosa, parecem ter desenvolvido com ele uma relação “no mesmo cumprimento-de-onda de sensibilidades”. A postura distinta de Onís ao mesmo tempo em que dificultava a comunicação, fazia com que Rosa repetisse insistentemente aspectos que considerava importantes, fornecendo um rico e catalisador material para análise e reflexão.

As atitudes contraditórias, tão frequentes de lado a lado, não impediram que se notasse uma certa oposição entre autor e tradutora, e ainda mais importante, não impediram que se percebesse a produtividade dos paradoxos no modo de ver a língua por parte de Rosa. Uma perspectiva paradoxal que procura deslocar expectativas sedimentadas tem muito a ganhar se colocada em diálogo com teorias pragmáticas, sobretudo quando estas admitem o *nó* ocasionado pela dificuldade de declinar a herança representacionista – e procuram evidenciá-lo e não escondê-lo. Guimarães Rosa, ao exaltar o mistério da linguagem e recusar-se a oferecer-lhe resposta, empenhando-se, pelo contrário, para tornar sua escrita cada vez mais exata porque indeterminada, reforça a potência do pensamento paradoxal, prometendo liberar o paradoxo do território histórico que lhe foi tantas vezes reservado: o lugar do engessamento, do embaraço, da aporia.

A ausência de um programa tradutório e de uma adesão teórica, aliada a essa indeterminação tão característica da escrita de Guimarães Rosa, engendra as

contradições exploradas aqui como promotoras de uma possibilidade de, longe de *apreender* a natureza linguagem, experimentar. O paradoxo abala a linguagem e o súbito contato com o inesperado lingüístico rende impactantes reflexões que confundem o que antes parecia cristalino.

Por causa desse caráter fundamental, o pensar por paradoxos foi tratado em um capítulo que serviu como base para discutir as questões que os outros retomavam, explorando como “linguagem comum” e “sinceridade lingüística” são usados por ele para subverter sentidos estagnados. Em seguida três grandes temas reiterados na correspondência foram discutidos: a dinâmica vital que enlaça elementos relacionados à linguagem, a exposição do mistério e o reconhecimento do estatuto poético da linguagem.

Para a realização deste trabalho, procuramos, na medida do possível, mapear o que era dito nas cartas. Do começo ao fim, pudemos observar temas que preocupavam autor e tradutora e que se repetiam em diversos comentários. Foram recorrentes as críticas a traduções, a atenção à poesia, a recusa à banalização da linguagem, as “provocações”, a referência à beleza da linguagem e ao amor pela língua, a preocupação com a divulgação da obra, as dificuldades e os efeitos da tradução, a fluidez ou estranheza do texto, a angústia de escrever, as hesitações, a obsessão com a linguagem; apenas para mencionar uma parte dos temas que se repetiam. Essa coleção formada se presta ainda a outros tipos de análise, considerando-se objetivos distintos como pesquisas mais verticais sobre a realização da tradução, a noção de tradução e do papel do tradutor, as vinculações entre a escrita e o corpo, a recepção da obra, o humor, etc.

Os exemplos mencionados ilustram muito simplificarmente o tipo de material que se desprende das cartas. As combinações e contraposições dos temas apontaram para uma irreducibilidade das visões a uma filosofia geral e a um certo sentir-pensar o idioma que reverbera em diferentes aspectos da linguagem e que se investigou nesta dissertação.

Assim, este trabalho pretende contribuir com os estudos roseanos explorando um dos pontos muito relevantes na obra de Guimarães Rosa – o *abalo* performativo de expectativas reducionistas e culturalmente arraigadas sobre a linguagem, caracterizado por um modo bastante roseano: o sentir-pensar.